Assignaturas

São pagas adiantadas: com estampilha 1$500 reis por semestre; sem estampilha 200 reis por mez. Numero avulso 10 réis.

A Locomotiva

Publicações

Annuncios e communicados a 50 réis por linha em qualquer das paginas, e pagos adiantados. Os originaes não se restituem.

PERIODICO DOS CAMINHOS DE FERRO

PUBLICA-SE ÁS TERÇAS-FEIRAS, QUINTAS-FEIRAS E SABBADOS

Proprietario e director — Carlos Faria

ANNO 1.° | **Aveiro, Quinta-feira 9 de Agosto de 1883** | NUMERO 38

CORRESPONDENTES LITTERARIOS

EM LISBOA Gervasio Lobato, PORTO Luiz de Magalhães COIMBRA Alexandre da Conceição

CORRESPONDENTE EM MADRID—**Peris Mencheta**

COLLABORADORES

Albano Coutinho, Albano de Mello, Alfredo Vieira, Alves da Veiga, Antonio Candido Ribeiro da Costa, Antonio Feijó, A. F. de Araujo e Silva, A. Fuschini, Augusto Luso, Augusto de Mello, Augusto Rocha, Bernardino Machado, Bulhão Pato, Camillo Castello Branco, Carlos L. d'Avilla, Carlos de Moura Cabral, Conde de Sabugosa, Conde de Samodães, Eça de Queiroz, Ernesto Pires, Fernando Caldeira, Francisco Palha, Francisco Regalla, Gomes Leal, Guiomar Torresão, Henriqueta Eliza da Fonseca, J. de Magalhães Lima, Jayme Sèguier, Jayme Victor, J. Honorato Regalla, J. Leite de Vasconcellos, Joaquim d'Araújo, Joaquim de Vasconcellos, José Echegaray, J. Simões Dias, Julio Augusto Henriques, Julio Cesar Machado, Luiz de Guimarães, Lourenço d'Almeida e Medeiros, Luciano Cordeiro, Macedo Papança, Manuel Bernardes Branco, Maria Letizia de Rute (Princeza Ratazzi.), Marques Gomes, Mello Freitas, Mendes Leal, Monteiro Ramalho, P. Gastão Mesnier, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, R. A. Pequito, Rodrigues de Freitas, S. de Magalhães Lima, Soares Franco (dr.), Teixeira de Queiroz, Theophilo Braga, Thomaz Ribeiro, Urbano de Castro, Visconde de Benalcanfôr, Visconde d'Ouguella.

ALMANACH.—Agosto (31 dias)

Quarta-feira	1	8	15	22	29
Quinta-feira	2	9	16	23	30
Sexta-feira	3	10	17	24	31
Sabbado	4	11	18	25	
Domingo	5	12	19	26	
Segunda-feira	6	13	20	27	
Terça-feira	7	14	21	28	

PHASES DA LUA

Nova a 3—Crescente a 11—Cheia a 18.

Summario

O sr. bispo Pina em Aveiro, por L. d'A. e M.
Noticias de Badajoz.
Movimento republicano em Hespanha.
Musa Nova, poesia por J. Simões Dias.
Pescaria.
Comboio Especial, por Full Speed.
Como é bello o meu delirio, poesia por Annibal Augusto da Silva Carvalho.
Comboio Mixto, por Carvão.

O SR. BISPO PINA EM AVEIRO

VIII

No sr. Bastos de Pina não vemos senão o Bispo, e no Bispo vemos a imagem de todo o espiscopado.

Ocioso é notarmos que fóra das nossas discussões está a pessoa do sr. Pina, de quem nos constam virtudes particulares muito apreciaveis.

E' a ostentação dos bispos, são as exterioridades calculadas, são as formas d'exercer a sua auctoridade, é o logar que occupam na jerarchia ecclesiastica, n'esse imperio, em que a egreja, adulterando-se, se constituio, o que julgamos condemnavel em face dos Evangelhos.

Dizem-nos que do sr. Bispo ainda se exige mais ostentação, e o accusam de faltar a muitas *formulas necessarias*.

Dizem-nos tambem que é mal visto pelos nuncios por não aceitar a senha politica de Roma com o cunho de Santo Ignacio.

Louvores ao Bispo por este lado.

Raros teem a mesma hombridade.

A doutrina jesuitica chega a ser immoral, e perversora das tendencias mais santas do coração humano.—Apezar d'isso alguns d'entre os nossos bispos consentem, e outros até protegem e animam a seita odiosa e odiada por todas as nações e por todos os governos.

Está ainda bem seguro tudo o que combatemos—e ninguem nos supponha a simplicidade de querer sequer abalal-o: o nosso fim é fazer conhecer aos leitores o verdadeiro espirito das ideias christãs, é mostrar como a egreja se desviou da sua instituição primitiva, tanto na doutrina como nas formas.

E' preciso desilludir e libertar as consciencias.

Antes de tudo eis o que é preciso.

Depois podem os governos tentar e realisar as reformas convenientes.

(*Continúa*).

E. D'A. E M.

A REVOLTA DE BADAJOZ

TELEGRAMMAS PARTICULARES

DA

Locomotiva

Elvas—6, ás 10 e 55 da tarde

Sabbado sublevação militar em Badajoz. Domingo a cidade foi occupada pelas tropas que interceptáram as communicações telegraphicas e dos caminhos de ferro. A revolta gorou. Cavallaria e infanteria emigráram para Elvas. As tropas d'esta cidade estão em quarteis. Amanhã chegam cavallaria 3 e infanteria 16.

Mello.

Badajoz, 7 ás 12 e 30 da t.

Las tropas sublevadas evacuáran la poblacion.

Gaspar.

Badajoz 7 ás 11 da noite.

O conselho de ministros occupa-se da expatriação dos insurrectos de Badajoz que levavam mais de 100 mil duros. O general Martinez Campos marchou para a Granja a conferenciar com el-rei.

Mancheta.

A sublevação militar de Badajoz extinguiu-se. D. Affonso XII está alliviado d'ella, mas não tem o mesmo descanço D. Luiz I que receberá e aguentará no seu reino muitas centenas de republicanos estrangeiros que instigarão os nacionaes, os portuguezes, pondo em circulação simpatica a palavra—Republica—e desenvolvendo com insinuante eloquencia hespanhola os seus principios.

A revolta não teve importancia, foi restricta, pequena e ephemera. Barcelona, Burgos, Alicante, Malaga e Olivença não corresponderam aos seus compromissos.

Todavia essa revolta indica que a restauração não cristalizou.

Os monarchicos que supunham que a formação da *esquerda dynastica*, a dispersão do *partido progressista*, o transvio de Martos e Montero Rios, o isolamento de Castelar, a intrasigencia de Piy Margal, o obstinado exilio de Zorrilla, e a branda vida da monarchia eram documentos e fiadores do throno, devem ter soffrido amarga desilluzão.

Eu estou certo da gestação da ideia republicana. Frequentando a Hespanha em varias provincias, tenho tacteado a pulsação d'esse sangue novo. Visitando no anno passado e no corrente os quarteis de Madrid e de Sevilha, ouvi dos officiaes desafogadas affirmações republicanas, feitas em voz alta, sem reserva. Um chefe de esquadrão de cavallaria de Madrid disse-me diante dos officiaes da guarda do quartel: *un oficial de caballeria no puede menos de ser republicano.*

Por isso nada me surprehendeu a noticia de um movimento militar, em Hespanha, a favor da republica.

Os jornaes monarchicos lamentam a falta de um chefe da revolução. Acostumados ao mando, á abdicação da propria vontade, desconhecem que a republica é impessoal, como o é qualquer outro movimento evolutivo exigido pela civilisação.

A ideia republicana circula vigorosamente pela Hespanha.

Só não póde fazer esta observação quem vive nos artificiaes e enganosos circulos officiaes, dessa engenhoca governativa, espectaculosa e brilhante de phantasmagoricas palavras a que convencionalmente se chama o governo de Hespanha, devendo-se antes denominar governo de Madríd, pois que essa *real côrte* não é mais do que um polvo que com os seus ferozes e parasitas tentaculos estringa a musculatura d'esse grande paiz.

CARLOS FARIA.

NOTICIAS DA REVOLTA

Os revolucionarios estiveram 30 horas senhores de Badajoz. Esperavam adhesões de outros pontos. Como estas não chegassem, soubessem da marcha das tropas de Ma- ro ha umas resolveram emigrar. Para deter as for- e que o snr. general Blanco cortaram uma ponte de- arte nos inte- terem soltado em direcção a Madrid u- comotiva com o regulador aberto.

Os gritos dos sublevados eram: *Viv- dublica hespanhola com a Constituição de* - *e D. Manuel Ruiz Zorrilla..*

Entravam no movimento todas as fracções do partido republicano.

O governo hespanhol teve noticia dos successos de Badajoz, por telegramma da Direcção Telegrapho-Postal de Lisboa.

MOVIMENTO REPUBLICANO EM HESPANHA

A agitação militar de Badajoz toma altamente interessante o seguinte artigo do *Liberal* de Madrid:

Um discurso del señor Ruiz Zorrilla.

Hace pocos dias la Asociacion Literaria internacional de París, celebró un espléndido banquete en honor del ilustre escritor húngaro, Pulszki. Asistieron muchos hombres políticos, literatos y representantes de la prensa. El señor Ruiz Zorrilla que occupaba en este banquete uno de los sitios de la mesa presidencial, fué invitado á la hora de los brindis á hacer uso de la palabra y pronunció un discurso del que hacen grandes elogios los periódicos francezes. Hé aqui las más importantes declaraciones de este discurso.

«Ante todo, señores—dijo—amo á mi patria; despues de mi pátria amo á mi raza y despues de mi raza amo á la humanidad.

Condeno y condenaré toda a mi vida la revolucion cuando la revoluciou no es justa y nunca es justa si no es producto de la voluntad del pueblo.

Mientras la libertad sea um hecho, y los derechos del hombre estén escriptos en el Código, y el sufragio universal exista, y la soberania nacional tenga medios de manifestar-se legalmente, la revolucion será un crimen. No hay derecho para perturbar á un pueblo cuando éste disfruta aquello que le pertenece.»

Examinó luego la situacion actual de España: su presupuesto, su lista civil, la influencia del clero, y citó el caso anómalo de que, mientras el presidente del Consejo de ministros tiene 6.000 duros de sueldo, el arobispo de Toledo cobra 9.000, á más de los

emolumentes. Habló de la politica actual, sin ocuparse para nada—dijo con desdeñoso acento—de algo que Francia desprecia é Italia aborrece. Puso de relieve los actos de los gobiernos doctrinarios de España, que rechazan el sufragio universal y los derechos del hómbre, y otorgan, segun sean más ó ménos mixtificadores de las ideas que sustentan, un tanto de libertad, convencional y arbitrariamente, que es elástica, como el doctrinarismo de los que la otorgan un dia y le hacen desaparecer al siguiente. Dijo que un pueblo no podia vivir, como el nuestro, sujeto al capricho de los gobiernos, no del propio derecho, sino de las mercedes de éstos.

No es posible vivir de tolerancias, siempredepusivas que jámas garantizan los derechos No debe admittirse de lismosna lo que de derecho corresponde; aquélla se concede ó no se concede, y depende de la compasion del que la otorgó; este se reconece y se sancio na, y si es digno de un carácter varonil y entero mendigar lismona (el señor Ruiz Zorrilla aludia á su situacion actual), ?cómo no ha de serlo para un pueblo que aspira á que se le garantice el libre ejercicio de sus derechos, anteriores y superiores á toda ley escrita y á todo poder constituido?

La moderacion y la templanza resaltaban en esta parte del discurso del señor Ruiz Zorrilla, que continuó hablando sobre las evolucion, no declarándo-se partidario de ésta sino en el caso en que la obstinacion de los gobiernos haga impossible escribir en los códigos los derechos politicos del ciudadano y realizar en lá práctica su libre ejercicio. Despues de pintar un cuadro acabadísimo de la situacion eu que se eucuentra España, «tal es el caso—dijo—en que se halla hoy mi país; y tales los poderosos motivos que tiene la España republicana y democrática para ser revolucionaria.»

Comentando este discurso, ban dicho algunos periódicos franceses que ven en el señor Ruiz Zorrilla la encarnacion de la política democrática profundamente liberal y profundamente justa, que ha de volver de nuevo á España aquellos caudales de progresso que llevó consigo la revolucion del 68.

(El *Liberal*, de Madrid.

MUSA NOVA

A musa da nossa edade
Tem um *tic* extravagante,
Com egual facilidade
Sorri a Bocaccio e ao Dante.

Ora carpe entre ruinas
As extinctas gerações,
Ora do alto das collinas
Faz discurso ás multidões.

Não tem nome de baptismo
A musa da nossa edade:
Uns chamam-lhe—realismo,
Chamam-lhe outros—liberdade.

Quer percorra o mundo em grita
trocando e pedindo luz,
Quer gema em trajos de ermita
sentada ao pé de uma cruz;

Ella, a heroica musa de hoje,
Como é forte, nada teme;
Ou, catholico, se roje
Ou, aposthata, blaspheme!

Aquella seiva opulenta
Dos genios da antiguidade
Deu-lhe a paixão violenta
Que produz a heroicidade.

Poz-lhe nas mãos uma espada,
Que é a justiça e a destreza,
Nos olhos uma alvorada,
E na boca a *Marselheza*!

Entanto a galanteria
Tambem lhe impoz selecções,
Dos Triboulets se desvia
E aperta a mão a Camões.

Que ella, com ser democratica,
Nenhum aulico a desbanca
Na questão da alta pragmatica,
E no uso da luva branca!

Tal é nos tempos que vão
Esta esphinge, este duende
Que ri com Voltaire, e a mão
A Luiz de Camões estende.

J. Simões Dias.

PESCARIA

Dos concelhos do districto do Porto apenas cinco estão nas condições de explorar e exploram esta industria: são os concelhos litoraes. Gaya ao sul do Douro, Gondomar que raia com elle, Bouças, Villa do Conde e Povoa ao norte do Porto,

A pescaria existe em todo o districto nas condições mais primitivas, chegando a ser a colonia de pescadores da Povoa um interessante exemplo de archaismo industrial e talvez ethnologico. Dos cinco concelhos mencionados é o da Povoa o unico em que a pescaria em vez de definhar progride, se não como processos e artes industriaes, como numero.

Em Gaya ha apenas 4 companhas de pescadores do mar, regulando cada uma de ellas por 15 homens. Bastam estes numeros para se reconhecer que a exploração d'este ramo industrial é escassa; mas o numero de 1:000 pescadores (que completa os 1:060 do mappa) orçado aos que exploram o Douro, demonstra que, se o homem de Gaya vive pouco do mar, retira porem do rio um contingente importante das receitas industriaes concelhias. A' pesca do rio accumula a apanha do caranguejo na foz do Douro, explora ção que tem tomado um incremento sério Sob o nome de «pilado», os lavradores do norte e do sul do Douro compram o caranguejo para usarem de elle como adubo da terras.

A quanto poderá subir a producção do «pilado»? Eis o que não é licito dizer, já por falta de documentos, já porque chega a ser impossivel obtel-os. Se em Gaya e na Povoa a apanha do caranguejo constitue uma industria dos pescadores, os lavradores de toda a costa ao norte do Douro, alternando as suas occupações, vão em pessoa buscar ás praias os adubos para as proprias terras. Na Povoa ouvimos orçar em 6 contos de reis annuaes a importancia do producto d'esta especie de pesca: parece-nos pois que triplicando esta quantia não se andará longe da verdade.

O concelho de Gondomar tem um pessoal de pesca maritima bem superior ao de Gaya: contam-se 9 companhas a 30 homens. O de Bouças conta 134 pescadores com cincoenta e dois barcos (24 barcos, 6 aveiros, 22 botes) e a relação numerica entre os barcos e as tripulações está demonstrando que a pesca se não exerce ahi, por menos em grande parte, em larga escala nem como nma profissão regular. Os numeros não chegam a dar tres homens por barco: não são companhas como as de Gondomar ou da Povoa. Com effeito as informações colhidas dizem-nos que os pescadores de Mathosinhos são os rapazes ou marinheiros invalidos, ou maritimos que descançam no intervallo das viagens. A producção é exigua, embora em 1878 o pescado tivesse rendido no concelho 1:855$000 reis, isto é, o equivalente a uma producção de 60 contos de reis. Esse rendimento provém na sua maxima parte dos carregamentos das lanchas povoeiras que vem vender a Mathosinhos o producto das suas pescas. Em Villa do Conde as companhas de pesca são apenas duas e o numero de pescadores 60 que abastecem a villa.

Quer em Bouças quer em Villa do Conde a pesca sempre teve um caracter apenas subsidiario da principal occupação maritima dos seus habitantes—a navegação. A pesca era e é ainda (embora essa navegação se possa dizer extincta) a aprendizagem ou a reforma dos marinheiros e moços de bordo. Na Povoa o caso é outro.

Acha se ahi uma verdadeira colonia de gente pescadora por tradição e officio exclusivo. A navegação, em quanto a havia recebia o excesso de creação d'essa gente prolifica, mas o pescar era e é o modo de vida do geral dos homens. Nascem, vivem e morrem pescadores. Em Bouças, o Douro tem um porto e tinha estaleiros: em Villa do Conde o porto é inferior, mas os estaleiros eram mais importantes: a Povoa não tem porto, por isso não teve navegação. Tem apenas uma enseada mal abrigada e uma praia sobre a qual os barcos são postos a secco no intervallo das campanhas de pesca.

A organisação social industrial não obedece ao typo capitalista, como por exemplo nas grandes pescarias do atum do Algarve: cada barco é uma sociedade ou corporação funccionando associada ou mutualistamente. O barco é uma construcção primitiva, na plena accepção da palavra; a sua armação é simples e equipado com as redes e outros utensilios pobres e rudes, constitue o pequeno capital da industria. Entretanto, nem todos os pescadores são donos dos barcos; quando os não possuem, porém, nem por isso trabalham sob o salario de algum empresario. Na distribuição das quotas do producto, o barco, quer seja proprio quer alugado, entra por uma parte que n'um caso serve para as reparações e no outro para ellas e para o aluguer. Além da quota do barco, a *parte* da Senhora da Lapa entra sempre na repartição do producto; e o peculio formado com essas quotas constitue o fundo da irmandade que attende ao culto da supposta protectora dos ingenuos pescadores, além de lhes ministrar certos soccorros nas occasiões de crise. A irmandade da Lapa, segundo o typo vulgar historico, é ao mesmo tempo um monte-pio, e a organisação social dos pescadores da Povoa apresenta-nos ainda de pé um especimen archaico d'essas corporações de officios que passaram dos costumes da Antiguidade para os da Idade Média, e que depois de terem existido sob a protecção dos heroes da mythologia grega, vieram collocar-se sob a invocação dos heroes do christianismo chamados santos. Retiradas as *partes* do barco e da Senhora da Lapa, o producto é então dividido pela companha na proporção do merecimento dos tripolantes, mestre, pescadores, moços. segundo a capacidade, mais ainda segundo a idade, e segundo o numero de redes que cada um possue. Um tem uma parte, outro meia, outro um quarto, etc.

O producto da pesca é porém cerceado antes da divisão pelo fisco, na decima sexta parte: imposto de uma voracidade unica entre nós, e tanto mais abusivo quanto a população vive n'um estado primitivo e isolado em que póde dizer-se: nada pede nem nada recebe do Estado. Não conhece a necessidade de ler, dispensando pois as escolas. Não se occupa de politica embora periodicamente a façam votar, nem tem opiniões radicaes ou retrogradas: por isso dispensa a policia que contém as desordens. Por leis só conhece os seus usos, por patria só conhece o bocado de praia onde vive desde seculos. Uma unica cousa necessita e pede ha muito tempo: a conclusão de um abrigo, que a natureza construiu a meio, para que de inverno sejam menores as catastrophes ao demandar o porto aberto aos temporaes do mar. Nem isso lhe tem feito. E entretanto o pescador da Povoa dá cada anno ao thesouro nacional uma somma não inferior a 15 contos de reis...

O registo dos barcos accusa os seguintes numeros: 44 lanchas, 50 bateis e 446 catraias. O numero de pessoas que vivem directamente da pesca é orçado em 8:000. isto é, quasi tres quartas partes da população total da villa da Povoa. D'estas 8:000 serão 1:400 os donos de barcos; os pescadores arrolados em 1880 eram 4:224; e o restante è representado pelas mulheres dos arraes das companhas. São estas quem vende o peixe e cura dos aprestos dos barcos. O pescador desembarcado terminou o seu trabalho: a esposa é quem dirige a economia da industria.

Orça-se em 300 a 350 contos de reis annuaes o producto bruto das pescarias da Povoa, fundando este calculo em numeros que ahaixo exporemos. Dividindo pelos 4:224 pescadores obter-se-hia o quociente de 75 a 76$000 reis como receita annual média da familia, se o producto bruto não fosse operado com as despezas representadas pelas partes do barco e da Senhora da Lapa, depois de ser cerceado em 6 por cento pelo imposto. Contando estas deducções, o rendimento não deve exceder 60 a 65 mil reis ou sejam 160 a 180 reis diarios. Não se pense, com tudo, que este é o salario do pescador; se o fosse, enriqueceria. O producto liquido da industria é roido ainda pela usura. Os compradores do peixe, mulheres regateiras que por via de regra enriquecem, são como as harpias do trabalhador. Cerceiam os preços que lhe pagam pelo peixe com a usura dos emprestimos que lhe fazem no inverno, quando o mar bravio condemna o pescador á fome. Empenham-se então as redes. Imprevidente como todo o homem primitivo, o pescador da Povoa ou vive na abundancia ou chora uma absoluta inopia. Nem sabe precaver-se, nem tem quem o proteja. Abunda quem o explore, a principiar pelo fisco que, aproveitando-se da sua ignorancia, lhe exige um imposto que é uma iniquidade.

Por tudo isto a população é ingenuamente feliz ou miseravel, conforme o mar está bonancoso e fertil, ou bravio e esteril. Se o rendimentos ou salarios em dinheiro são poucos, a verdade é que o peixe é gratuito, Na sua imprevidencia natural e excitado por um alimento aphrodisiaco, o pescador é prolifico: as crianças enxameiam nas ruas, e esta circumstancia vem aggravar ainda as occasiões de crise no inverno. Calcula-se que o acrescimo da população pescadora da Povoa é de 5 por cento annualmente. Outr'ora a navegação recebia o excessso da gente: hoje que a navegação acabará de exinguir-se se lhe não acudirem (conforme ao diante veremos) essa gente accumula-se nos barcos ou emigra para o Brazil: assim a patria perde cada anno um numero de braços que são gotas de sangue nacional.

O anno de 1875 foi excepcionalmente fertil. O valor da exportação de peixe fresco e salgado attingiu a cifra de 269:666$000 reis, sendo:

Para o Porto.....	99:338$000
Para o Minho em geral.....	106:234$000
Para Traz-os-Montes.....	59:894$000
Para as freguezias do concelho	4:200$000

Junte-se a isto o consumo da villa que conta 11:004 habitantes, (censo de 1878), junte-se o que foi vendido pelos pescadores nos seus barcos fóra da Povoa e ter-se-ha uma producção não inferior a 500 contos de reis. O anno de 1875 foi porèm, como se disse, excepcional. A producção ordinaria orça-se entre 300 e 350 contos.

Em 1879 o producto do imposto foi de 6:982$282 reis, importancia que multiplicada por 16 representa o valor de 160 contos. Mas na cobrança do imposto ha uma tolerancia indispensavel para amaciar a iniquidade, e essa tolerancia não representa menos da terça parte. O valor sobe pois a 210 ou 220 contos. A isto é porèm necessario addiccionar o que não desembarca na Povoa. Os barcos visitam toda a costa para o norte da Povoa até Vigo e para o sul até á Figueira; a producção desembarcada em Hespanha não dá rendimento ao nosso fisco, mas as que desembarcam em Mathosinhos (como atraz vimos), no Porto até á Figueira vae ficar com receitas fiscaes locaes. Computam as pessoas competentes da localidade o peixe assim distribuido em metade ou mais do que vem desembarcar á Povoa. D'esta fórma se attinge o total que orçamos de entre 300 e 350 contos de reis.

Tal é a importancia, taes as condições de existencia das pescarias na Povoa. Reformar o imposto ou pelo menos applical-o em alguma parte a beneficio dos que o pagam, é mais do que uma necessidade, é um dever. O Estado é o protector dos pobres e dos pequenos: nega-se e desauthorisa-se quando em vez de os proteger se limita a exploral-os. Faça-se a doka da Povoa: dous ou tres annos de producto do imposto bastarão para isso. Intervenha-se administrativamente na questão da usura: não faltam meios de proporcionar dinheiro ao pescador nos invernos famintos. Porque se não crearia um monte-pio concelhio para emprestar sobre o penhor das redes? Amparar os pescadores da Povoa é mais do que um dever: é conservar um viveiro de moços de bordo, marinheiros, pessoal, indispensavel a uma marinha que è urgente restaurar.

Por outro lado ainda as pescarias da Povoa merecem a nossa attenção. A ausencia de melhoramentos nos processos e instrumento de pesca explicam-se pela condição dos pescadores; mas á ausencia de uma industria de conservas e salgas convenientemente feitas não se vê outro motivo além da nossa inercia habitual. Ainda em 1880 a alfandega do Porto importou 9:300 toneladas de bacalhau no valor de 312 contos de reis, embora a costa do norte do reino possa dar peixe que bem salgado e curtido suppriria com economia o bacalhau. A industria da pesca é natural nossa, o mar é um thesouro que a natureza nos deu: tudo quanto se fizer para o aproveitar é semente lançada n'um terreno propicio.

Relatorio da Sub-commissão de inquerito ás industrias do Districto do Porto, 1881.

COMBOIO ESPECIAL

Serviço exclusivo dos Caminhos de Ferro

Nada mais repugnante e indigno do que o comboio chamado das *praias*. N'esta designação o povo, com a sua phrase incisiva e

naturalista, quiz, mas delicadamente, accentuar o comboio para servir na sua estação balnear os caprichos *d'alguem*, que quer ter na Granja carne e fructas do Porto fresquinhas e apetitosas a tempo e a horas.

Aquelle *alguem* não é figura de rhetorica, nem disfarce casuisto: é o sr. Espergueira. Toda a gente o diz. Mas o que não propaga, é que o *tunnel da Serra do Pilar está perigosissimo*, e que todas as vistorias reclamam para elle *incessante vigilancia*. Mas o que não se divulga é a especulação mercantil, deshumana e absurda, com que se vendem os bilhetes para estações além da paragem, e as horrorosas e agiotas extorsões ao publico.

Trataremos, detida e miudamente, com toda a evidencia dos algarismos e das opiniões reconhecidas, não só d'este assumpto perigoso (para o sr. Espergueira) e damnoso (para os accionistas da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes) do apodado *comboio das praias*; mas tambem trataremos vivamente, buscando impressionar o publico=e advertil-o dos perigos a que se oppõe, do tunnel da Serra do Pilar.

O tempo ha de desenganar o *Comité* de Paris sobre a virtude do *Comboio das Praias*, e o publico sobre a solidez do tunnel da Serra do Pilar.

Que o sr. Fontes exponha a familia real aos perigos d'este tunnel, vá; porque elle faz á monarchia correr outros riscos igualmente mortaes. Mas que o sr. Espergueira se arroje á aventura de ser destituido da direcção suprema da Real Companhia, é suppôr-lhe uma incapacidade, uma aberração, e uma estupidez que nada se coadunam com o respeito e alta consideração em que o temos.

*

Em França adoptou-se aos caminhos de ferro um *Indicador de Velocidades* que marca com precisão mathematica o andamento dos comboios, as suas paragens, os seus recuos, os augmentos ou diminuições da marcha, e todos os incidentes do trajecto.

Ora vamos a uma aposta, ó sr. Espergueira: v. ex.ª aconselha ao *Comité* da Real Companhia dos Caminhos de Ferro portuguezes em Paris a adopção do *Indicador das Velocidades*, e nós não fallaremos do tunnel da Serra do Pilar nem do *Comboio das Praias*; v. ex.ª não adopta essa recta e indispensavel invenção e então nós... boquinha livre!

Aceita ou não esta aposta seductora para v. ex.ª, sr. Espergueira? Dizemos *seductora para v. ex.ª*, por deferencia e extremada fineza, porque para nós tambem é seductora pois que as vantagens do tal comboio das Praias e a estabilidade do tunnel da Serra do Pilar abrem-nos um apetite devorador de tudo, mesmo da sinceridade de v. ex.ª.

Que lhe parece o atrevimento?

E isto ainda não é a metade da missa, porque o novo Horario, as Tarifas, queixumes do publico e até mesmo as oppressões dos empregados pejam a *Locomotiva*.

Mas..... ç'a va venir.

*

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA BAIXA

ABERTURA DE CONCURSO

Do *Diario do Governo* de 4 do corrente

DECRETO

Usando da auctorisação concedida ao meu governo pela lei de 26 de abril d'este anno, e vistas as disposições da mesma lei, hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º Por espasso de sessenta dias se abre concurso para a construcção e exploração do caminho de ferro da Beira Baixa, que, partindo da estação de Abrantes, na linha de leste, e seguindo por Castello Branco, Fundão e proximidades da Covilhã, termine nas immediações da Guarda na linha da Beira Alta.

§ unico. O praso do concurso começa a correr no dia 4 de agosto e termina no dia 3 de outubro do corrente anno, ás 4 horas da tarde.

Art. 2.º A construcção e exploração do caminho indicado no artigo 1.º será contractada segundo as condições e clausulas que baixam com este decreto, assignadas pelo ministro e secretario de estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria.

Art. 3.º Nenhum licitante será admittido ao concurso sem ter previamente depositado na caixa geral de depositos, á ordem do governo, a quantia de 180:000$000 réis em dinheiro, ou o valor correspondente em titulos de divida publica portugueza, segundo o seu valor no mercado.

Art. 4.º A base da licitação será a quantia de 37:000$000 réis em que, para os effeitos do concurso, se calcula o maximo kilometro de despezas de construcção.

Art. 5.º Durante o prazo do concurso estarão patentes na secretaria das obras publicas, em todos os dias uteis, desde as onze horas da manhã até ás quatro horas da tarde, todas as peças graphicas dos projectos feitos sobre a linha a construir para serem examinadas.

Art. 6.º No dia 3 de outubro, ás quatro horas da tarde, perante a commissão opportunamente nomeada, e com a assistencia do procurador geral da corôa e fazenda, se procederá, na secretaria das obras publicas, á adjudicação da construcção e exploração do caminho de ferro de que trata o artigo 1.º

Art. 7.º No referido dia, e á hora marcada, se receberão as propostas em cartas fechadas, assignadas pelos licitantes, sendo as assignaturas legalmente reconhecidas.

Art. 8.º Todas as cartas deverão ter no sobrescripto a seguinte legenda: «Proposta para o concurso do caminho de ferro da Beira Baixa, feita por... (nome do proponente).»

Art. 9.º As propostas do preço fecharse-hão em sobrescriptos separados, sem declaração alguma exterior, e serão escriptas em portuguez nos termos seguintes: O abaixo assignado obriga-se a construir e explorar o caminho de ferro da Beira Baixa conforme as disposições e clausulas do decreto e programma de... (data d'este decreto), fixando para os fins indicados no artigo 28.º do referido programma em... (por extenso) as despezas kilometricas de construcção.

Art. 10.º Cada proposta será acompanhada dos seguintes documentos:

1.º Certificado de ter sido feito o deposito exigido no artigo 3.º;

2.º Se o licitante representar alguma sociedade ou companhia, documento authentico que mostre que essa sociedade ou companhia existe legalmente no paiz a que pertencer, e que conferiu poderes especiaes para a licitação;

3.º Se o licitante representar algum individuo, procuração bastante com poderes especiaes para aquelle acto.

Art. 11.º A proposta do preço, fechada em separado, e os documentos indicados no art. 10.º, serão encerrados n'outro sobrescripto em que se escreverá a declaração formulada no art. 8.º

Art. 12.º Não se considerará valida qualquer proposta em que se requeiram ou proponham modificações no programma, ou nas clausulas e condições a que se refere o artigo 2.º

Art. 13.º Se no concurso se apresentarem duas ou mais propostas fixando preço egual, e sendo este o menor preço fixado, proceder-se-ha á licitação verbal, segundo o § 3.º do art. 15.º das instrucções para arrematação de obras publicas de 19 de março de 1861, não podendo a differença entre cada um dos lanços ser inferior a 10$000 réis.

Art. 14.º Prehenchidas todas as formalidades prescriptas nas citadas instrucções de 19 de março de 1861, se lavrará termo especial da abertura das propostas e da licitação verbal, se a houver, e subirá todo o processo ao governo, para resolver dentro dos oito dias seguintes.

Art. 15.º Se o governo resolver que se faça a adjudicação, será officialmente avisado o licitante preferido para dentro de quinze dias elevar o deposito na caixa geral de depositos de 180:000$000 réis a 360:000$000 réis em dinheiro ou em titulos de divida publica portugueza, segundo o seu valor no mercado, e para assignar o contracto no dia seguinte áquelle em que fizer o deposito definitivo.

Art. 16.º O licitante preferido, que não effectuar o deposito de 360:000$000 réis ou que não assignar o contrato na conformidade do artigo 15.º, perderá para o estado a caução depositada.

Art. 17.º O governo não será obrigado a fazer a adjudicação, quando entender que ella não é conveniente aos interesses publicos em vista das propostas apresentadas no concurso.

Art. 18.º Feita a adjudicação, ou resolvido que não ha proposta acceitavel, será auctorisado o levantamento dos depositos provisorios.

O ministro e secretario d'estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 2 de agosto de 1883.=REI=*Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro.*

FULL SPEED.

A *Locomotiva* publica, a pedido, os seguintes versos, e tem a certeza de que os seus leitores lh'os agradecerão enormemente.

COMO É BELLO O MEU DELIRIO

(RECORDAÇÕES)

Como é bello!—sacrosanto,
Procurar o bom descanço
Do meu tempo ledo e manso
D'esse tempo tão fadado!
Procurar a viva estrella,
O pharol do navegante
Que lh'aponta lá distante
O seu porto desejado!

Como é bello!—tão perfeito,
O rumor da minha vida
Esta quadra tão sentida,
Tão brilhante, tão mimoza!
Meu trovar, o mago canto,
Minha sina, os meus pezares,
Minha terra, os meus palmares,
A deidade mais formoza!

Como é bello!—tão distincto,
Afagar os meus amores
E na vida as lindas flores
Qu'os bons tempos nos crearam!
Comtemplar os meus cuidados,
Descrever as melodias,
Conservar as harmonias,
Qu'os meus sonhos inspiraram!

Como é bello!—tão rizonho,
Pelos tempos sacrosantos
Descrever os nossos cantos
No caminho da aventura!
Descrever os nossos passos,
Estreitar o sentimento,
Transmittir o pensamento,
A's entranhas da natura!

Como é bello!—na verdade,
Comtemplar da creatura
Seu instincto—a formozura,
Meiga flor da natureza!
Seus carinhos—seus afagos,
Os seus olhos—o seu pranto,
Seu aspecto, seu encanto,
Seu primor, sua nobreza!

Como é bello!—deslumbrante,
O sentido mais corrente,
A saudade mais ardente
A lembrança mais querida!
A virtude mais perfeita,
O segredo mais profundo,
A nobreza d'este mundo,
O primor da nossa vida!

Como é bello!—ver meu peito,
Dar suspiros tão saudozos,
Nos seus tempos venturozos
E pairar na immensidade!
Dar impulso aos seus cuidados,
Pela patria os seus amores,
Pelo canto os trovadores,
Pela vida a caridade!

Como é bello!—o firmamento
Que da terra comtemplamos
Esta quadra qu'adoramos
Que nos lembra a cada passo!
Esta vida curta e bella,
Este canto silenciozo,
Este mundo caridozo,
Brilho e luz, amor, espaço!

Como é bello!—ver nos montes
As florinhas tão singelas
Tão formozas e tão bellas,
Espargindo aroma, amores!
Tão alegres, tão rizonhas,
Tao captivas, tão serenas,
Tão viçosas tão amenas,
Ostentando brilho e cores!

Como é bello!—ouvir nos mattos
O zumbir da loura abêlha,
Das cigarras a mais velha
A cantiga mais amada!
Como é bello ouvir nos campos
No correr das noites suaves,
O contar das lindas aves,
O romper da madrugada!

Como é bello!—n'esta vida,
Respeitar a nossa edade,
Proteger a mocidade
E gozar immensos brilhos!
Consagrar os nossos tempos,
Desprender a nossa historia,
E depois da nossa gloria
Abraçar os no sos filhos!

Como é bello!—finalmente!
Os meus tempos mais rizonhos,
Os meus dias—os meus sonhos
Os meus cantos—o martyrio!—
Meus encautos, meus sorrizos
Meus trabalhos, meus cuidados
Meus amores, meus peccados
Como é bello o meu delirio!...

Annibal Augusto da Silva Carvalho.

Comboio Mixto

No dia 23 de julho Dover passou um terrivel suplicio.

A bordo de um navio da armada ingleza experimentou-se um canhão de enorme calibre. Ao primeiro tiro rebentaram com a explosão todos os vidros da cidade, e uma bala de 17 quintaes percorreu em 3 segundos uma legua maritima, e reappareceu 2 vezes antes de sumir-se nas aguas. A carga era de 225 kilogrammas de polvora.

O segundo tiro produziu um tremor de terra, e expedio o projectil a 4 leguas. A carga era 336 kilogrammas.

Ao terceiro tiro novo e mais violento tremor de terra. Estalaram todos os vidros do pharol, apesar de serem de grande espessura.

A carga era de 450 kilogrammas de polvora. A balla penetrou no mar; e rasgava-lhe a superficie como se fora um enorme cetaceo, e desappareceu com um estampido medonho.

*

A *Independencia*, da Povoa de Varzim diz no seu numero 85, de 2 de agosto.

Consta-nos que alli por Aveiro ha umas negociatas de empregos publicos e que o snr. governador civil tambem leva parte nos interesses.

Ficamos de prevenção!

Conhecemos tão bem o tal governador, que nos rimos da noticia, apesar da intransigencia feroz da sua offensa.

Mas porque diabo a *Independencia* não ha pôr os pontos nos ii?

Ou bem que se é *Independencia* ou bem que não.

*

O governo inglez auctorisou a circulação de grandes volumes pelo correio, fazendo-se a sua distribuição pelos domicilios exactamente como succede com as cartas. Até 500 grammas cada volume paga 39 centessimos de franco, até 1.500 grammas 60, até 2:500 gr. 90.

Os volumes podem ter 3 pés e meio de comprimento e largura, por 2 e meio de altura.

Não se podem expedir materias explosivas; mas é permittida a remessa de conservas, gelados, vinhos etc... devidamente acondiscionados em frascos ou garrafas.

*

Eis o argumento do famoso bailado *Excelcior* que tantos aplausos vae ganhando por esse mundo:

ACTO 1

Quadro 1.º—Apparece o Obscurantismo representado por um negro a que anda enroscada uma serpente. Depois vem a Luz, formosa mulher que trava lucta com elle, e vence as trevas para onde o Obscurantismo a queria arrastar.

Quadro 2.º—Grande baile de ninfas e genios n'um palacio magnificio.

ACTO 2

Quadro 3.º—Festa d'aldea nas margens do Weser. Apparece o Obscurantismo e pára o baile. Todos cercam o homem negro, que aconselha aos barqueiros a destruição do vapor *Diniz Papin*. Os barqueiros considerando o vapor como invenção diabolica, desfazem-n'o. Obscurantismo triumfa, ajudado pela Ignorancia.

Quadro 4—A Luz vem consolar *Diniz Papin*, monstrando-lhe a enseada de Nova York com a ponte pensil de Brooklyn, por onde passam dois comboios do caminho de ferro. Por baixo da ponte passa um vapor.

Quadro 5—Residencia de Volta que trabalha na pilha electrica. O Obscurantismo

pretende sepultal-o nas trevas, uma descarga electrica affugenta-o. Aparece a Luz.

Quadro 6—Grande pateo da estação telegraphica de Washington. Um enxame de distribuidores corre em todas as direcções espalhando telegrammas.

Quadro 7—Ataque de uma caravana no deserto. Grande combate, que acaba envolto nas trevas á vontade do Obscurantismo.

Quadro 8—A Luz desenvolve todo o seu esplendor em Ismailia, inaugurando o canal de Suez. N'esta decoração ha grandes e surpreendentes jogos lummiosos.

ACTO 3

Quadro 9.º—O obscurantismo procura o seu reino nas entranhas da terra, embaraçando os trabalhos dos engenheiros que pretendem furar o Monte Cenis. Quando julga ter a victoria, apparece a Luz e consegue realisar a obra gigantesca, ao som do hymno italiano e da Marselheza.

Quadro 10.º—Apparição do retrato de Lesseps, adornado com tropheus e bandeiras.

Quadro ultimo.—O templo das Nações. Entre as danças d'este quadro sobresáe a que representa as armadas européas. A Luz triunfa definitivamente do obscurantismo.

O Final é esplendido, magnificamente composto e de prodigiosa illuminação.

*

O governo mandou proceder aos primeiros trabalhos para a construcção de um pharol em Aveiro, e deu para isto 25 contos de réis.

Aplaudimos tudo quanto cheire a pharol e a 25 contos de reis.

CARVÃO.

AOS VIAJANTES

OS MELHORES ESTABELECIMENTOS

EM LISBOA

Alfaiate.—Alfredo Carlos Cruz, Fanqueiros 264.
J. A. Xafredo, Rua Nova do Almada 64.
J. M. Catarro, R. Aurea. 100.
Usprung, A. Aurea, 101
Armadores e estofadores—Santos, R. Oriental do Passeio, 142.
Silva & Irmão, R. da Prata, 162.
Roubaud & Filhos, R. Aurea, 286.
Bahuleiros.—José de Carvalho, Capelistas, 15.
Banqueiros. — Fonsecas Santos & Vianna Capelistas, 120.
Moura Borges & C.ª, Capelistas, 35.
Bazares.—Valles, R. Oriental do Passeio, 156
Bijouterias e quinquilherias — Antonio Joaquim Cardoso—Bitesga, 47.
Cabelleireiros—A. Paiva, rua Aurea, 28.
A. Pinto Rua Nova do Carmo, 55.
Baron—Garrett, 61.
Silva—R. Larga de S. Roque, 43.
Cafés—Aurea Peninsular, rua Aurea.
Commercial, Principe, 69.
Grego—Caes do Sodré.
Madrid—Rua do Outeiro (Loreto), 6
Calçado—João Carlos Tann, S. Lazaro 171.
Viuva Steipflug—Alecrim, 27
Camisarias Brumós, T. de S. Nicolau 109.
Elegante—Largo do Calhariz, 24.
Calvente, Santa Marta 222.
Carruagens de aluguer—R. Larga de S. Roque 28.
Pedro Vasques—Largo da Abegoaria, 29.
Carruagens (Fabricas de) — Encarnação — T. da Palha 72.
Gomes. R. Larga de S. Roque 116.
Navarro, R. N, da Palma, 246.
Rego, S. Francisco da Paula. 15.
Cazas de cambio.—Alves Martins, R. N. da Palma 138, e Arsenal 4.
Fonseca, Arsenal 58.
Manaças, Amparo 49.
M. Bogarim, Livramento 118.
Casas de pasto.—Lima, S. Antão 73.
Ribas & Garcia, T. da Palha 213,
Chapelarias.—para homens :
Roxo, P. de D. Pedro 39.
Nomleden.—Principe 121.
A. Ribeiro & C.ª Garrett 58.
Amado,—Ouro 39
para senhoras e crianças:
Lisboa, Ouro 123.
Sette, Ouro 190.
Girle & C.ª R. N. do Almada 47.
M.me Laclan, R. N. do Carmo 18.
Banhado—Ouro 82.
Pinto & Barreiros, R. N. do Almada, 108
Confeitarias, Conservarias e Pastelarias — Dias, T. de S. Nicolau 22.
Costa, Largo de S. Domingos 21.
Lisbonense, R. L. de S. Roque 133.
Viuva Justo, Garrett 108.
Pucci, Capelistas, 122
Baltresqui, Garrett, 49
Correeiros e selleiros, — Coutinho & C. Ouro 220.
Santos, Garrett 42.
Cutileiros, — Policarpo, T. de S. Nicolau 25.
Virissimo da Silva, Loreto 22.
Espingardeiros—Imberton Filho, Ouro 76.
Gravadores—Gerard, R. N. do Desterro 40.
Horticultores—A. Diogo, Algibebes 176.
Hoteis—Alliança, R. N. da Trindade 10.
Bragança—Ferregial de Cima.
Durand—L. Quintella 71.
Español—Prata, 250.
English & Italian, T. Remolares 23.
Luveiros.—Ch. Berard, R. N. do Carmo
Costa & Sousa, Garrett 67.
Hyppolite Delaye, R. N. do Carmo 51.
Ourives.—A. Merêa, Ouro 275.
Boni & C.ª, Ouro 203,
Mourão & Irmão, Garrett 25.
Nascimento & Migueis, Ouro 273.
Perfumarias.—Praça de D. Pedro.
Ferreira Barbosa, R. N. do Almada 111
Photographias — Camacho, R. N. do Almada, 116
Rochini, P. da Agoa de Flor, 1
Muniz & Martinez, T. E. Galhardo, 26
Restaurantes — Club, T. E. Galhardo, 8
Matta; R. N. do Carmo, 102.
Vidraceiros e occulistas — Pereira, Ouro 90
Costa, Rua de S. Roque, 127
Viuva Moura, Augusta 173.

NO PORTO

Camisaria=Casa de Barcelona, rua de Cedofeita.
Casas de banho=A do Grande Hotel do Porto.
Casas de saude=A do dr. Ferreira, rua de S. Lazaro.
Carruagens de aluguer e deligencias: José Galliza.
Dentista=Romero & Recio R. de D. Pedro 20
Restaurante=Palacio de Crystal
Sapateiro=Rosa, rua do Bomjardim.
Tabacaria=Caza Havaneza, rua de Santo Antonio, esquina da rua de Santa Catharina.
Photographia=União, Pr. de Santa Thereza.
Luvaria=Portuense, rua de Santo Antonio 182-184.
Modistas=M.me Villete, rua de Cedofeita.
Oculista=Bolsom & Pombar (Viriato successor), Rua de Santo Antonio, 171.
Agencia dos Caminhos de Ferro=A Central, rua de Sá da Bandeira.
Alfaiate=Filippe Lousada, rua de Santo Antonio:
Armazem de modas. Corrêa & Martins. Cedofeita,=17
Armazem de moveis. — Cypriano, rua de Cedofeita.

Annuncios

ANNUNCIO

Constando-me que um individuo do Porto se tem dirigido a algumas casas para onde eu fornego vinhos finos, exhibindo amostras que diz serem dos mesmos meus vinhos e offerecendo-os por outros preços, DECLARO que SÓ as ditas casas os podem obter CONTINUANDO a tractar DIRECTAMENTE COMMIGO.

Julio V. d'Almeida Basto.

PERDEU-SE

Uma nota de 20$000 reis do Banco de Portugal. Ignora-se o n.º, mas foi lançada na estação Telegrapho-Postal de Lamego, no dia 24 de julho, em carta registada sob o n.º 954. Foram duas as que se mandaram para o Porto, porém só lá chegou uma. Quem a achar póde dirigir-se, para receber alviçaras, em Lamego, a Raymundo Fernandes Andrade, e no Porto a João Maurente Braga, Batalha, n.º 132, consignatario da que recebeu e da que se perdeu.

A MULHER

Revista Illustrada das Famalias—Dirigida por Eliza Cardur e collaborada por notaveis escriptoras e escriptores.

Publica-se ás quintas-feiras, e assigna-se em Lisboa, Rua Nova da Trindade, n.º 10.

Preço da assignatura, por anno 1800, por semestre 950, por trimestre 500 reis.

Numero avulso 40 reis.

AS GUERRAS DE NAPOLEÃO 1.º

POR

Erchmann—Chatrian

Traduzidas e editadas pela Empreza de Romances Illustrados, rua da Fabrica 66. Porto.

A publicação faz-se por fasciculos semanaes de 8 paginas e 2 gravuras por 50 reis. Finda ella, cada assignante receberá um brinde.

Almanach das Senhoras

PARA 1884

Portugal e Brazil

Publicado sob a protecção de S. Magestade a Rainha

Collaborado pelos principaes escriptores portuguezes e brazileiros

14.º ANNO POR

GUIOMAR TORREZÃO

Este almanach tira 2 edições, uma para Portugal outra para o Brazil

O almanach abre este anno com um magnifico retrato de Camillo Castello Branco, gravado por Severini, acompanhado da biographia do grande romancista, e seguido dos retratos de: Julio Diniz, Arnaldo Gama, madame Sousa, conde de Cavour, Gonçalves Crespo, David Corazzi, Sousa Bastos, Carlos Gomes (o maestro do *Guarani*), José de Alencar, Leonor da Fonseca Pimentel, Gayarre, duqueza de Chaulnes, Luiz Guimarães, Miguel Angelo Lupi, Victor Hugo e os netos, Pedro Americo, gravuras da arte ornamental e outras.

O almanach apresenta a innovação de uma esplendida capa em chromo a côres, desenhada por Casanova e impressa na lythographia Guedes. Contém mais um augmento consideravel de annuncios dos primeiros estabelecimentos da capital, insertos na parte literaria e no fim; uma serie de problemas premiados, enygmas, charadas, anecdotas humoristicas, etc., etc.

A' venda em todas as livrarias do reino, nas provincias e ilhas. Um vol. de 336 paginas, preços: brochado 240 reis, cartonado 320 reis.

Faz-se abatimento para revender.

Redacção e deposito principal do **Almanach das Senhoras**, rua de S. Bento, 218—LISBOA.

EM AVEIRO—em casa do sr. David de Mello Guimarães

GIMNASIO E SALA D'ARMAS

Largo da Picaria 13—Porto—rua do Pinheiro, 1.

Medico — Ex.m.º Sr. Dr. Victorino da Motta.
Professoro para o sexo feminino—D. Violante Stathmiller.
Professor e director—Paulo Laureti

AS PESSOAS QUEBRADAS

Com uso d'alguns dias do milagroso emplastro anthephelico se curam radicalmente as roturas ainda que sejam muito antigas. Este emplastro tem sido applicado em 36:549 pessoas e ainda não falhou.

Preço 1$500 reis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia a M. Monteiro.

Travessa do Noronha, 24, LISBOA

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS E CAIXA ECONOMICA PORTUGUEZA

DESCONTO de juros de inscripções complementares livres, a juro de 5 por cento ao anno, contados da data do desconto até á do pagamento na junta. Emprestimo sobre penhores de titulos de divida publica e obrigações da companhia géral do credito predial portuguez, a juro de 5 por cento ao anno.

Depositos na caixa economica em conta corrente á ordem, a juro de tres e sessenta centesimos por cento ao anno.

ANTONIO J. D'ALMEIDA ROSA

COM ARMAZEM

DE

CALÇADO DE LISBOA

382—Rua do Bomjardim—382

1. andar

PORTO

HOTEIS

MADRID—*Gran Hotel de Embajadores*, de Modesto Garcia de Alba & C.ª—Carrera de S. Geronimo 4, esquina da Puerta del Sol, e calle Victoria, 1. N'este esplendido estabelecimento, proferido pelos viajantes portuguezes e brazileiros, ha quartos de 1$200 réis para cima, e elegantes aposentos para familias, com todas as commodidades dos primeiros hoteis do mundo. Nas estações dos caminhos de Ferro em Madrid encontram-se os seus interpretes.

PORTO — *Grande Hotel do Porto* é o Principal d'esta grande e opulenta cidade, construido expressamente para o seu fim, segundo os melhores modelos do mundo. O seu proprietario dedicou-lhe toda a attenção em largas viagens de estudo.

Appenso ao hotel ha sob a direcção de um medico expecialista um estabelecimento de banhos, como não tem segundo a Peninsula.

HOTEL ALLIANÇA

SUCCESSOR DO HOTEL INGLEZ DE MARY CASTRO

PORTO—RUA DO SÁ DA BANDEIRA, N.º 53

Este hotel situado no ponto mais central da cidade, proximo dos theatros e da estação Central dos Caminhos de ferro, com carro americano pela porta, tem excellentes commodos e magnifico serviço de mesa por preços excessivamente modicos.

SEVILHA—Hôtel de Europa. Elegante estabelecimiento y de modicos precios. Jardin al centro. Ventilado proprio al Oriental.

MISMA CASA

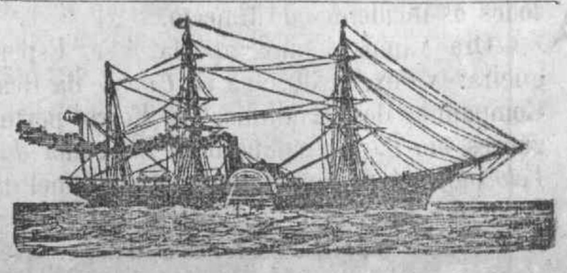
Fonda de Cadiz — CADIZ
« de Jerez — JEREZ
« de Ricca — HUELVA
« de Oriente — CORDOBA

Coches y interpretes en las Estaciones.

PROPRIETARIOS — RICCA & HERMANOS

PHOTOGRAPHIA

PORTO—Fonseca e C.ª, praça de Santa Thereza, tem um *atelier* como os primeros da Europa. Os seus artisticos trabalhos tem sido premiados nas mais notaveis Exposições.



THE PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY

Os magnificos paquetes d'esta companhi sahem de Lisboa alternadamente para o Brazil, Rio da Prata, e portos do Pacifico ás terças ou quartas-feiras. As familias para os portos do Brazil e Rio da Prata recebem um grande abatimento de preços, que todos são moderados. Pela rapidez, commodidades, e luxo estes paquetes são notabilissimos. Dão serviço medico gratuito.

AGENTES: *Em Lisboa*—64, Caes do Sodré, E. Pinto Basto & C.ª

No *Porto*—10, Largo de S. João Novo, V. Ferreira Pinto Basto.

REAL FABRICA DA VISTA ALEGRE

PORCELLANAS EXCELLENTES

premiadas nas principaes exposições

Os seus productos, iguaes aos extrangeiros, vencem-os na barateza do preço.

Tem um magnifico deposito em Lisboa, Largo do Loreto, 13; e vendedores por todo o paiz.

Dr. Van-der-Laan

ESPECIALISTA DE DOENÇAS D'OLHOS

RUA DE SANTA IZABEL 50 - LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA NEW YORK

CAPITAL 47.000.000$000

Mutuos a premios e compromissos fixos. Os segurados são os unicos proprietarios do fundo de garantia e de todos os lucros.

Esta Companhia é evidentemente mais vantajosa do que qualquer outra.

Direcção em Lisboa, 64 Caes do Sodré.

Imprensa Aveirense— Largo da Cruz — Aveiro